

# Ciclovía pára onde começa quintal

Devolver o lago à comunidade foi uma idéia que esbarrou na escassez de recursos, nas dificuldades em desapropriar as áreas invadidas e no quintal de um general. O primeiro passo, contudo, foi dado em 1979, quando a Secretaria de Viação e Obras (SVO) assinou convênio com a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos para construção de uma ciclovía no Lago Norte. No Lago Sul a obra seria praticamente impossível, pois incentivaria uma incômoda briga com os intocáveis inquilinos que invadiram as margens do Paranoá.

A ciclovía, que cobriria toda a extensão do Lago Norte, não ultrapassou dois quilômetros e meios em seus três anos de construção. Nesse período, cada metro de asfalto era combatido por quilômetros de pressões desfavoráveis à obra, num bombardeio disparado por morado-

res que desejavam ter os mesmos privilégios que seus vizinhos do Lago Sul. O jornalista Limongi Netto, um dos mais ativos defensores da privatização, não poupou munição para paralisar a obra, argumentando, através de cartas aos jornais, que a ciclovía era uma ameaça à tranquilidade dos moradores, pois atrairia "farofeiros" e marginais das cidades-satélites.

Apesar das pressões, a ciclovía prosseguiu, conquistando outros moradores que sentiram na pele os benefícios da obra. Travou-se, assim, uma briga política. De um lado, os favoráveis à privatização; do outro, os contrários a ela. Esse conflito já havia atravessado o lago e transbordado nos gabinetes do Palácio do Buriti, do Congresso Nacional e até mesmo dos Ministérios. Parecia que o grupo favorável à ciclovía ganhava terreno, principal-

mente depois que foi inaugurado um espaço reservado ao lazer e às atividades culturais. Porém, havia a casa de um general no meio do caminho. Essa "pedra" deixou a obra no meio do caminho. O general Milton Mello conseguiu que sua cerca cercasse a vontade dos que queriam usufruir do lago, conservando a privacidade de sua luxuosa residência.

Interrompida há quase um ano, hoje a ciclovía não dispõe de iluminação nem de policiamento. O mato começou a tomar conta do asfalto, mas ainda permite passeios a pé ou de bicicleta, o que é comum nos fins de semana, quando, aliás, perde a ociosidade. Mesmo assim, não há qualquer indício de que uma brisa chegue aos gabinetes do Palácio do Buriti e faça a ciclovía avançar mais alguns metros ou, pelo menos, receber a infra-estrutura necessária ao seu total aproveitamento.